

**As Festas de Cartagena de Indias nas *Memórias Histórico-Políticas* do General
Joaquín Posada Gutiérrez**

Milton MOURA*

Resumo: O texto analisa o capítulo 34 das *Memórias Histórico-Políticas do General Joaquín Posada Gutiérrez*, que trata de festividades acontecidas em Cartagena de Indias, Caribe colombiano, na segunda e terceira décadas do século XIX. Destaca o elogio que o autor realiza da ordem e da hierarquia numa sociedade multiétnica, identificando o êxito da Pátria à observância da hierarquia, tendo o Catolicismo e as Forças Armadas como garantidores desta ordem.

Palavras-chave: Memória. Festas populares. Colômbia. Cartagena de Indias. Caribe. Posada Gutiérrez.

**The festivities of Indias Cartagena in the *Historical-Political Memories* of General
Joaquín Posadas Gutiérrez**

Abstract: This text examines the chapter 34 of the *Historical-political Memories of General Joaquín Posada Gutierrez*, which deals with certain festivities of Indias Cartagena, Colombian Caribbean, in the second and third decades of XIX century. The reflection shows that the author emphasizes the importance of order and hierarchy in a multi-ethnic society, identifying the success of the fatherland to the observance of the hierarchy, with Catholicism and the armed forces as guarantors of this order.

Keywords: Memory. Popular festivities. Colombia. Cartagena de Indias. Caribbean. Posada Gutiérrez.

O pesquisador que chega a Cartagena de Indias, no Caribe colombiano, não pode deixar de admirar a Biblioteca Bartolomé Calvo. Diante da lateral do Palácio da Inquisição, sua fachada neoclássica se destaca pela generosidade do que se pode ver desde as portas. Os vitrais na parte mais alta da parede posterior se assemelham a uma moldura para um acervo imenso e diversificado sobre a história, economia e literatura colombianas, além de

* Professor Doutor- Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Estrada de São Lázaro, 197. CEP: 40610-320. Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: miltonmoura7@gmail.com

volumes preciosos sobre artes plásticas. Boa parte daqueles que para ali se deixaram levar pela curiosidade sobre a história da própria cidade de Cartagena de Indias costuma manter algumas preferências. Trata-se, frequentemente, das obras de Eduardo Lemaitre, *Historia general de Cartagena de Indias* (1983), e José Manuel Restrepo, *Historia de la revolución de la República de Colombia* (1942-195), que pelas suas dimensões já infundem respeito ao visitante.

Entretanto, os funcionários da Biblioteca sorriem quando se lhes pergunta: “onde se podem encontrar as *Memórias* do General Joaquín Posada?”. Levam o leitor até onde se pode ler um testemunho que a muitos fascina pelo vigor de sua escrita e pela acuidade do registro. Algumas vezes, pergunta-se ao bibliotecário pelo relato das festas de Cartagena. Não é difícil chegar ao “lugar” em que essas memórias podem ser encontradas no volume, pela diferença que a frequência do uso produziu na espessura das páginas respectivas. E este leitor encontra, no capítulo 34, uma narrativa extraordinária. Nesta biblioteca, o volume disponível é a segunda edição da Biblioteca de Historia Nacional, pela Imprenta Nacional, em 1929.

A primeira publicação da redação que conhecemos das *Memorias Histórico-Políticas* data de 1865, pela Imprenta Foción Mantilla, de Bogotá. A última redação desse texto foi concluída nos dois anos anteriores à publicação, o que significa que Posada Gutiérrez tinha 66 ou 67 anos quando plasmou a versão que veio a público. O texto está disposto em dois volumes, havendo referências a um terceiro, que não chegou a ser escrito.

Outra edição da obra data de 1920. Compõe a Biblioteca Ayacucho, Editorial Madrid. O Tomo I se intitula *Últimos días de la Gran Colombia y del Libertador*. Essa edição reúne três tomos, sendo que se exclui o período 1930-1863. Por sua vez, uma edição que vem sendo cada vez utilizada pelos pesquisadores é aquela disponibilizada pela Biblioteca Virtual Luís Angel Arango, Arango¹, do Banco de la República.

O presente artigo busca desenvolver algumas reflexões sobre o tipo de rememoração que o General Joaquín Posada Gutiérrez realiza de sua experiência de vida em Cartagena. Quem se debruça sobre seus extensos relatos aprende a conviver com uma memória rica em descrições de acontecimentos e em incursões na psicologia dos personagens e tipos humanos. Por que, então, este artigo faria recair sobre este capítulo das *Memorias* do General Posada uma atenção especial? Que aspectos da sociedade que ele amou e descreveu tão obsessivamente estão aí delineados? Como o autor se apresenta, desvelando-se sem o mínimo comedimento, diante das cenas das festas da Candelária? De que elementos se vale como recursos para descrever a cena das festas? Como coloca comentários e elementos que poderíamos chamar de uma socioantropologia? Estas são algumas questões que o texto gostaria de enfrentar.

Contextualizando o relato das *memórias* da Festa

Joaquín Posada Gutiérrez nasceu em 10 de março de 1797, em Cartagena de Índias. Seu pai era de Astúrias; sua mãe, de Mariquita, cidade situada entre Bogotá e Medellín. Nosso autor cresceu na cidade natal até 1813, quando, com 16 anos, foi enviado pelos pais à Jamaica e, um ano depois, à Europa. A crônica histórica *La Batalla del Santuário*, do mesmo Posada Gutiérrez, publicada em 1936 pela Editorial Minerva S.A, de Bogotá², tem um prólogo sem autor identificado que pode lançar alguma luz sobre alguns itens da biografia. Descreve muito rapidamente o clima de agitações decorrentes da pressão de Napoleão sobre a Espanha no início do século XIX, tendo como consequência a formação de Juntas que, em diversas partes, não eram senão orientadas para a emancipação dos *criollos*, a começar por Cartagena de Índias que, “[...] el 11 de Noviembre de 1811, expresó rotundamente su deseo de emanciparse de la metrópole.”¹ (POSADA GUTIÉRREZ, 1936, p. 8) O autor anônimo do prólogo inscreve a biografia de Posada Gutiérrez neste momento histórico:

Tales acontecimientos alebrestaron el ánimo de Don Benito Posada y Frade y de su mujer, doña María Josefa Gutiérrez, realistas a hacha y martillo, que temblaban a la sola idea de que Joaquín, su hijo, nacido en 1797 en Cartagena, y a la sazón en plena pubertad, se contaminase con las ideas republicanas; y, al efecto, determinarán alejarlo de la patria, enviándolo a Jamaica, primero, y a Francia y Inglaterra, después. (POSADA GUTIERREZ, 1936, p. 8).²

Não sabiam seus pais, fiéis a Fernando VII, que Joaquín viria a conhecer pessoalmente aquele que não somente era a antítese do monarca de Espanha, como o inspirador do grande Bolívar: “Tuvo la honra de conocer a Napoleón I después de su regreso de la isla de Elba.”³ (POSADA GUTIÉRREZ, 1936, p. 10).

O cuidado em situar o nascimento de Posada Gutiérrez num momento tão especial da América Hispânica tem seguimento na caracterização que desenvolve, logo em seguida, da orientação militar e caudilhista de sua formação, que se consolidaria no decorrer das décadas e se radicalizaria com o envelhecimento. Vejamos:

¹ A 11 de novembro de 1811, expressou radicalmente seu desejo de emancipar-se da metrópole. (tradução nossa).

² Tais acontecimentos acalentaram o ânimo de Don Benito Posada y Frade e de sua mulher, Dona Maria Josefa Gutiérrez, realistas a toda prova, que tremiam diante da simples ideia de que Joaquim, seu filho, nascido em 1797 em Cartagena, e em plena puberdade, se contaminasse com as ideias republicanas; assim, determinaram afastá-lo da pátria, enviando-o primeiro à Jamaica e depois à França e à Inglaterra. (tradução nossa).

³ Teve a honra de conhecer Napoleão I depois do regresso deste da ilha de Elba. (Tradução do autor).

El remedio resultó contraproducente, ya que la única manera de detener los acontecimientos hubiera sido aislar los criollos del Viejo Mundo; así es que el joven Posada Gutiérrez, lejos de curarse de sus tendencias republicanas, las fortaleció en la contemplación del cesarismo napoleónico, y, al regresar a Cartagena, que halló en ruinas, pues acababa de sufrir el terrible asedio que le puso Morillo en 1816, Posada Gutiérrez, indignado con las atrocidades de los realistas, abrazó con toda la vehemencia de su juventud la causa de sus conterráneos, comenzando así una carrera militar que había de durar hasta el año de 1861. (POSADA GUTIÉRREZ, 1936, p. 8-9).⁴

O mesmo prólogo diz, pouco adiante, que “[...] de 1824 a 1826 permaneceu em Cartagena en la sección de guerra.”⁵ (p. 10). O que provavelmente pareceu dispensável estabelecer, nesta discreta narrativa que prepara o leitor para a leitura do romance, foi a ligação estreita, íntima, vibrante, entre Posada Gutiérrez e Bolívar, e em menor grau com o general venezuelano Rafael Urdaneta, que sucedeu o Libertador por um ano na presidência da República logo após a morte deste. Até a velhice, manteve-se envolvido em questões políticas da República, e esta marca foi mais que fundamental em toda a sua existência. Constituiu o critério último de qualquer julgamento até sua morte em Bogotá, em 1881, com 84 anos.

A forma como Posada Gutiérrez costuma se referir a Bolívar atesta este traço. Vejamos um trecho das *Memorias*:

Muchas veces manifestó después el Libertador ideas como esta, que indicaban arrepentimiento por haber dado la independencia a estos países. Yo también he dudado, yo también he pensado en si no habrá sido un paso prematuro, para el que no estábamos preparados. Pero no: la independencia es una grande adquisición, a pesar de los desastres que nuestras locuras atraen casi periódicamente sobre la patria. Solo la extinción de la esclavitud es un bien tan inestimable, que basta a compensar los males que sufrimos y que podemos sufrir todavía. "La proclama de usted (continuaba el Libertador), dice que vengo como ciudadano. ¿! que podré yo hacer como ciudadano? ¿Cómo podré yo apartarme de los deberes de magistrado? ¿Quién ha disuelto a Colombia con respecto a mí, y con respecto a las leyes? El voto nacional ha sido uno solo: Reformas y Bolívar. Nadie me ha recusado; nadie me ha degradado: ¿Quién, pues, me arrancará las riendas del mando? Los amigos de usted? Usted mismo? La infamia sería mil veces mas grande por la ingratitud que por la traición". (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 47).⁶

⁴ O efeito do remédio mostrou-se contrário, já que a única maneira de deter a marcha dos acontecimentos havia sido isolar os *criollos* do Velho Mundo; é assim que o jovem Posada Gutiérrez, longe de curar-se de suas tendências republicanas, veio a fortalecê-las na contemplação do cesarismo napoleônico. Regressando a Cartagena, que encontrou em ruínas, pois acabava de sofrer o terrível assédio que lhe impôs Morillo em 1816, Posada Gutiérrez, indignado com as atrocidades dos monarquistas, abraçou com toda a veemência de sua juventude a causa de seus conterrâneos, iniciando assim uma carreira militar que duraria até o ano de 1861. (tradução nossa).

⁵ De 1824 a 1826, permaneceu em Cartagena no destacamento de guerra. (tradução nossa).

⁶ Muitas vezes viria depois a manifestar o Libertador ideias como esta, que indicavam arrependimento por ter dado a independência a estes países. Eu também duvidei, eu também pensei se não teria sido um passo prematuro, para o qual não estávamos preparados. Mas não: a independência é uma grande aquisição, apesar dos desastres que nossas loucuras atraem quase periodicamente sobre a

Ao próprio capítulo 34, que nos interessa especialmente nesta reflexão, o Libertador comparece com aspectos místicos:

El 25 de mayo había llegado el Libertador a Turbaco en completo estado de postración, y allí pasó algunos días para reponerse y poder embarcarse. Los empleados públicos y los vecinos notables de Cartagena fueron a verle y ofrecerle sus respetos; pero no sólo ellos lo hicieron: la gente pobre igualmente en gran número, se apresuró a hacerlo. Tal es siempre, en todas partes, el interés que inspiran los hombres célebres, mucho más si están en desgracia. [...] Su entrada en la soberbia ciudad fue como en sus mejores días: los balcones y ventanas se adornaron, las tropas formaron, honrando no al jefe de la Nación, sino al primero de los generales. Al Libertador y fundador de la República. Por la noche, espontáneamente, una espléndida iluminación dio muestra de la nobleza del carácter de los cartageneros. Bolívar, caído, pobre, proscrito, inspiró más simpatía, más respeto, más veneración, que cuando poderoso y vencedor otras veces lo recibieran. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 176).⁷

Bolívar foi Presidente da Gran Colombia entre 1819 e sua morte em 1830, acumulando este cargo/título com o de ditador do Peru (1824-1827), terceiro presidente da Venezuela (1819) e primeiro presidente da Bolívia (1825). Sua biografia é por demais acidentada em termos geográficos e políticos, de modo que se torna difícil datar com exatidão a sua passagem por Cartagena de Indias a que se refere Posada Gutiérrez em suas *Memorias*. Esteve na *Ciudad Amurallada* (a porção de Cartagena de Indias protegida pelas muralhas construídas no século XVII e, principalmente, no XVIII) em 1810, quando redigiu o *Manifiesto de Cartagena*, aí retornando em 1816. Nesse momento, contudo, Posada Gutiérrez não teria idade suficiente para compartilhar tão proximamente os passos do seu grande mentor.

Enfim, não é fácil determinar com precisão o momento em que esteve com Bolívar em Cartagena, nem a duração dessa passagem. Teria se juntado a ele antes disto ou por ocasião de uma passagem por Cartagena? De qualquer forma, conheceu Bolívar até os 33

pátria. Só a extinção da escravidão já é um bem tão inestimável que bastaria para compensar os males que sofremos e possamos ainda sofrer. “A sua palavra (continuava o Libertador) diz que não venho como cidadão. E o que poderei eu fazer como cidadão? Como poderei apartar-me de meus deveres de magistrado? Quem dissolveu a Colômbia em relação a mim e às leis? O voto nacional foi um só: Reformas e Bolívar. Ninguém me recusou; ninguém me degradou. Quem, pois, me arrancará as rédeas do mando? Os seus amigos? Você mesmo? A infâmia seria mil vezes maior pela ingratidão que pela traição. (tradução nossa).

⁷ A 25 de maio, havia chegado o Libertador a Turbaco em completo estado de prostração, passando ali alguns dias para recuperar-se e poder embarcar. Os funcionários públicos e os vizinhos notáveis de Cartagena foram ver-lhe e prestar-lhe seus respetos; mas não somente eles: a gente pobre, em grande número, também o fez com diligência. É sempre assim, em qualquer parte, o interesse que inspiram os homens célebres, sobretudo se estão em desgraça [...] Sua entrada na soberba cidade aconteceu como nos seus melhores dias: os balcões e janelas se engalanaram, as tropas formaram, honrando não ao chefe da Nação, mas ao primeiro dos generais, ao Libertador e fundador da República. À noite, espontaneamente, uma esplêndida iluminação deu mostra da nobreza do caráter dos cartageneiros. Bolívar, caído, pobres, proscrito, inspirou mais simpatia, mais respeito, mais veneração que, quando poderoso e vencedor, o receberam. (tradução nossa).

anos, sendo 14 anos mais novo que seu inspirador. Estes afunilamentos do tempo cronológico ora parecem mais importantes, ora parecem relativizar-se na própria ordem da narrativa autobiográfica, como veremos adiante. Entre 1841 e 1845, Posadas Gutiérrez seria governador da Província de Cartagena. Tal período, contudo, já ultrapassa por demais aquele referido no trigésimo quarto capítulo das *Memórias*.

O capítulo inicia com a informação de que Bolívar chegou enfermo num mês de maio a Turbaco. Na seção IV, o texto continua fluindo ao dizer que o Libertador estava convalescente em *Pie de la Popa*, povoado junto à rocha em cujo topo se encontra o convento fundado pelos agostinianos em 1607 e que se transformou, ao longo de quatro séculos, não necessariamente de modo contíguo, em ponto de peregrinação e polo geográfico de uma festa que se reconfigurou consideravelmente nesse intervalo. Ora, não mais que de repente, Posada Gutiérrez interrompe a narrativa sobre os passos de Bolívar e as questões político-militares em que estava envolvido e passa a falar da Festa da Candelária, que costuma acontecer no segundo dia de fevereiro.

Não é difícil compreender esta súbita exalação literária de sentimentos profundos, de lembranças acalentadas com tanta energia e ternura. No final do capítulo 34, confessa: “Estos recuerdos de mi infancia y de mi primera juventud me parecen un sueño.”⁸ (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 210). E coloca-se existencialmente, como alguém que desencadeia, por meio do resgate das lembranças, uma reflexão que se poderia chamar de meta-autobiográfica:

Cuantos de los millares de hombres y mujeres que vieron lo que yo refiero y que vi yo vivirán hoy? Bien pocos serán, porque no a todos les es concedido, como a mí, gozar y sufrir sesenta y seis años sobre la tierra. Y yo, que he pasado tantos trabajos; yo, que me he recorrido los mares luchando con la tempestad; yo, que me he encontrado en tantos combates, siempre vencedor, una sola vez vencido; yo, que he recibido tres balazos en mi cuerpo; yo, que he visto al cólera precipitar a la eternidad, en cinco semanas, más de la tercera parte de mis compatriotas en la ínclita ciudad en que absorbí el primer aliento de la vida, ¡yo existo! ¡Gracias Dios mío! (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 210).⁹

Um pouco antes, o autor convida o leitor a encarar esse relato específico como uma licença, um desabafo, um depoimento especialmente caro aos seus afetos:

⁸ Estas recordações de minha infância e de minha primeira juventude me parecem um sonho. (tradução nossa).

⁹ Entre os milhares de homens e mulheres que viram aquilo que vi e a que me refiro, quantos estariam vivos hoje? Bem poucos, porque não é concedido a todos, como a mim, gozar e sofrer sessenta e seis anos sobre a Terra. E eu, que passei por tantos trabalhos; eu, que percorri os mares lutando contra a tempestade; eu, que me encontrei em tantos combates, sempre vencedor, uma vez apenas vencido; eu, que recebi três balas em meu corpo; eu, que vi a cólera precipitar para a eternidade, em cinco semanas, mais de um terço de meus compatriotas na ínclita cidade em que absorvi meu primeiro alento de vida, eu existo! Graças ao meu Deus! (tradução nossa).

Su fiesta, que se celebra el 2 de febrero, tenía fama en toda la Nueva Granada, y quedando ya tan pocos que puedan hablar de ella como testigos de vista, quiero, describiéndola, dar algún descanso a mi imaginación, atribulada con los sucesos políticos que he referido y los que voy a referir en los siguientes capítulos, y darlo también al lector para que me siga sin fastidiarse. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 195-196).¹⁰

A descrição reflexiva da Festa da Candelária

Passemos ao relato das festas da Candelária, objeto central deste artigo, cujo tom não somente autobiográfico, mas propriamente existencial se constitui no motivo nuclear da construção deste artigo.

Para compreender melhor o relato e situá-lo no contexto da cultura festiva de Cartagena de Indias, foi fundamental a contribuição de Edgar Gutiérrez Sierra, que nos legou dois trabalhos referenciais. Em *Fiesta de la Candelaria en Cartagena de Indias* (2009), traça o fio da festa descrita por Posada Gutiérrez, identificando suas metamorfoses desde o século XVII. Já em *Fiestas: Once de Noviembre em Cartagena de Indias* (2000), havia desenvolvido uma cuidadosa sequência de formas festivas em Cartagena de Indias desde o início da colonização, abordando as tensões entre os poderes representados pelo rei, pelo governador e pelo bispo e a dinâmica tensa entre as formas originárias de Espanha e de África, além daquelas praticadas pelos indígenas, no caso, os Calamari.

Gutiérrez Sierra sublinha os aspectos de continuidade entre a Festa da Candelária, os folguedos baseados nos cabildos e o Carnaval, configurando um ciclo de, aproximadamente, dois ou três meses de comemorações e folias. Para isto, recorre a uma quantidade generosa de fontes escritas por religiosos, oficiais de órgãos governamentais, viajantes e jornalistas, que lhe permitiram reconstituir a cidade de Cartagena de Indias como um cenário festivo múltiplo, em que os descendentes dos europeus, africanos e indígenas mantinham relações ao mesmo tempo hierarquizadas e de complementaridade no espaço da rua.

Vamos ao relato autobiográfico. Em diversas passagens, Posada Gutiérrez descreve a festa como uma promoção da fé católica, compatível e contínua com os mais variados tipos de diversão, de que participavam pobres e ricos.

Desde el primer día de la novena se trasladaban a dicha parroquia las familias que tenían casa allí, llevando a sus amigas, bien a pasar la

¹⁰ A fama do 2 de fevereiro corria por toda a Nova Granada, e restando já tão poucos que podem dela falar como testemunhos oculares, quero, descrevendo-a, dar algum descanso à minha imaginação, atribulada com os eventos políticos a que me referi e àqueles aos quais me referirei nos capítulos seguintes, proporcionando-os também ao leitor para que me siga sem cansar-se. (tradução nossa).

temporada, bien a pasar un día. El gasto de los dueños era considerable, pero el sudor del esclavo daba para todo, y derramando el Gobierno más dinero en Cartagena que en el resto del virreinato, se podía sin grandes esfuerzos adquirirlo. A pesar de haber más de una milla desde la ciudad a la cumbre del cerro y de ser un extremo pendiente la subida de la cuesta, era innumerable la concurrencia a la misa solemne que se celebraba a las nueve de la mañana.

Tanto en la planicie de la cumbre del cerro como en la parroquia de su pie, numerosas mesas de juego, rodeadas del jornalero, del menestral, del marinero y de muchos caballeros de zapato, servían de sumidero al sudor del pobre y al oro del rico, regocijando al estafador que los recogía en boliches, pasadieces, bisbises, roletines y otras invenciones de la infame ciencia del garito. Costumbre inmoral y desastrosa que no sólo allá y en aquel tiempo, sino en todos los pueblos de Nueva Granada y hasta ahora se practica. Ni el escándalo de fomentar este vicio, bajo la idea de una fiesta religiosa, ni la ruina de las familias, ni los desórdenes de todo género que el juego produce, ni la prohibición de las antiguas leyes de los juegos de suerte y azar, ni la mengua de la dignidad y de la decencia que el roce con cierta clase de gente causa, ni nada, en fin, puede destruirla; y menos ahora en que la avaricia y la desmoralización general han inducido a que las nuevas leyes la protejan. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 196-197).¹¹

Tanto em termos de cenário como de costumes, a descrição de Posada Gutiérrez coloca no centro os divertimentos das elites de Cartagena de Índias. O arranjo social multiétnico – o autor se refere às “respectivas classes” –, que se pode visualizar facilmente na narrativa, é colocado como expressão da hierarquização da sociedade costenha. Poder-se-ia dizer, sem forçar as possibilidades semânticas do relato, que a própria forma de realização da festa, numa atmosfera tão religiosa quanto lúdica, sacraliza a estratificação.

Una gran sala de baile, construida para ese solo objeto, se llenaba todas las noches, alternativamente, sin invitación nominal. Era sabido y conocido lo siguiente: Baile primero: de señoras, esto es, de blancas puras, llamadas blancas de Castilla. Baile segundo: de pardas, en las que se comprendían las mezclas acaneladas de las razas primitivas. Baile tercero: de negras

¹¹ Desde o primeiro dia da novena, mudavam-se para a dita paróquia as famílias que ali tinham casa, levando consigo as famílias amigas, seja para passar a temporada, seja para passar um dia. O gasto dos donos era considerável, mas o suor do escravo era suficiente para tudo. Além disso, derramando o Governo mais dinheiro em Cartagena que no resto do Vice-Reinado, podia-se sem grandes esforços adquiri-lo. Apesar de haver mais de uma milha entre a cidade e o cume do cerro e de ser extremamente penosa a subida da encosta, era inestimável o comparecimento à missa solene que se celebrava às nove horas da manhã. Tanto na parte plana do topo da montanha como na paróquia que se estendia ao pé da elevação, numerosas mesas de jogo, rodeadas pelo jornaleiro, pelo menestrel, pelo marinheiro e por muitos cavalheiros calçados, serviam de destino ao suor do pobre como ao ouro do rico, causando regozijo ao malandro que os recebia em boliches, *pasadieces*, *bisbises*, roletas e outras invenções da infame ciência da jogatina. Costume imoral e desastroso que não só ali e naquele tempo, mas em todas as povoações de Nova Granada e até agora se pratica. Nem o escândalo de fomentar este vício sob o disfarce de uma festa religiosa, nem a ruína das famílias, nem as desordens de toda espécie que o jogo produz, nem a proibição das antigas leis dos jogos de sorte e azar, nem a diminuição da dignidade e da decência que a proximidade com certa classe de gente oportuniza, enfim, nada pode destruí-lo. E menos agora, que a avareza e a desmoralização general têm induzido à aprovação pelas novas leis. (tradução nossa).

libres. Pero se entiende que eran los hombres y las mujeres de las respectivas clases, que ocupaban cierta posición social relativa, y que podían vestirse bien, los que concurrían al baile. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 197).¹²

Note-se que a grande maioria da população de Cartagena de Indias, bem como a de toda a costa do Mar Caribe, se compunha de negros e mestiços. Desde a sua fundação, em 1533, por D. Pedro de Heredia, a cidade recebeu cativos de África, número que cresceu consideravelmente no século XVII, sendo que o tráfico só teve fim em cerca de 1800. A composição étnica da Costa era – e ainda é – muito diferente daquela das sociedades andinas, em que predomina o componente de origem indígena e/ou espanhola.

Terminada la serie, volvía a empezar, y así sucesivamente hasta el *día de la Virgen*, que concluían las grandes fiestas. Al siguiente se retiraban las familias a la ciudad, quedando sólo algunos restos de aficionados tenaces, en corto número, hasta el domingo de carnestolendas³, que regresaban todos a las de carnaval, que en Cartagena por aquel tiempo competía con el de Venecia. Y era de notarse que la alternación de los bailes se hacía con el mayor orden, sin que el amor propio de los de segunda y de tercera clase se resintiese, a lo que contribuía mucho el que todos se hiciesen en la misma sala. En la sociedad humana, la costumbre es ley, es todo. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 197, grifo do autor).¹³

Nosso memorialista praticamente identifica os costumes, a lei e a hierarquia. No caso das festas, em alguns aspectos, havia adjacência dos setores sociais; em outros, observava-se uma hierarquização que guarda analogias com relação àquela do sistema de castas em algumas sociedades orientais.

Los blancos, que monopolizaban el título de *caballeros*, como las blancas el de *señoras*, tenían por la costumbre el privilegio de bailar en los tres bailes; los pardos, en el de su clase y en el de las negras; los negros sólo en el de éstas. Y tampoco había en ello inconvenientes: la costumbre por un lado, y por otro la más prudente urbanidad los evitaban. Cuando las clases superiores, que siempre las habrá en la sociedad humana, no hacen sentir con altivez su superioridad humillando a las inferiores, éstas no se enconan

¹² Um grande salão de baile, construído para este único fim, ficava repleto todas as noites, alternativamente, sem convite nominal. Era sabido e conhecido o seguinte: Baile primeiro: de senhoras, isto é, brancas puras, chamadas *blancas de Castilla*. Baile segundo: de pardas, as quais compreendiam as misturas acaneladas das raças primitivas. Baile terceiro: de negras livres. Entretanto, entende-se que eram os homens e mulheres das respectivas classes que ocupavam certa posição social relativa e podiam vestir-se bem os que concorriam ao baile. (tradução nossa).

¹³ Terminada a série, logo recomeçava, e assim sucessivamente até o *día da Virgen* [em itálico no original], concluindo as grandes festas. Em seguida, as famílias se retiravam para a cidade, ficando apenas alguns poucos remanescentes aficionados, até o domingo de carnestolendas. Regressavam todos para os dias de carnaval, que em Cartagena, naquele tempo, competia com o de Veneza. E era de se notar que a alternância dos bailes se fazia com a maior ordem, sem que o amor próprio daqueles de segunda e terceira classe se ressentisse, para o que muito contribuía que todos estivessem na mesma sala. Na sociedade humana, o costume é lei, e isto é tudo. (tradução nossa).

y se someten voluntariamente a lo que su posición exige. La aristocracia inglesa sabe y practica esto con provecho.

Para la gente pobre, libres y esclavos, pardos, negros, labradores, carboneros, carreteros, pescadores, etc., de pie descalzo, no había salón de baile, ni ellos habrían podido soportar la cortesanía y circunspección que más o menos rígidas se guardan en las reuniones de personas de alguna educación, de todos los colores y razas. Ellos, prefiriendo la libertad natural de su clase, bailaban a cielo descubierto al son del atronador tambor africano, que se toca, esto es, que se golpea con las manos sobre el parche, y hombres y mujeres en gran rueda, pareados, pero sueltos sin darse las manos, dando vueltas alrededor de los tamborileros. Las mujeres, enflorada la cabeza con profusión, lustroso el pelo a fuerza de sebo, y empapadas en agua de azahar, acompañaban a su galán en la rueda, balanceándose en cadencia muy erguidas, mientras el hombre, ya haciendo piruetas, dando brincos, ya luciendo su destreza en la cabriola, todo al compás, procuraba caer en gracia a la melindrosa negrita o zambita, su pareja. Como una docena de mujeres agrupadas junto a los tamborileros los acompañaban en sus redobles, cantando y tocando palmadas, capaces de hinchar en diez minutos las manos de cualesquiera otras que no fueran ellas. Músicos, quiero decir manoteadores del tambor, cantarinas, danzantes y bailarinas, cuando se cansaban, eran relevados, sin etiqueta, por otros y por otras; y por rareza la rueda dejaba de dar vueltas, ni dos o tres tambores dejaban de aturdir en toda la noche. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 197-198, grifo do autor).¹⁴

Um dos aspectos mais relevantes do talento descritivo do autor se revela na forma sutil e minuciosa como distingue as posturas de índios e negros, no modo como participavam da festa, manifestando uma sensibilidade psicológica que não é tão comum encontrar entre os cronistas da época.

Los indios también tomaban parte en la fiesta bailando al son de sus gaitas, especie de flauta a manera de zampoña. En la *gaita* de los indios, a

¹⁴ Os brancos, que monopolizavam o título de *cavalheiros*, como as brancas o de *senhoras*, tinham por costume o privilégio de dançar nos três bailes; os pardos, no de sua classe e no das negras; os negros, por sua vez, dançavam apenas no baile das negras. E tampouco havia nisto inconvenientes: o costume por um lado e, por outro, a mais prudente urbanidade os evitavam. Quando as classes superiores, que sempre haverá na sociedade humana, não fazem sentir com altivez sua superioridade humilhando as inferiores, estas não se ressentem e se submetem voluntariamente ao que exige sua posição. A aristocracia inglesa o sabe e pratica com proveito. Para a gente pobre, livres e escravos, pardos, negros, lavradores, carvoeiros, carreiros, pescadores, etc., de pé descalço, não havia salão de baile, nem eles teriam podido suportar a cortesania e circunspeção que, mais ou menos rígidas, se guardam nas reuniões de pessoas de alguma educação, de todas as cores e raças. Estes, preferindo a liberdade natural de sua classe, dançavam a céu descoberto ao som do atronador tambor africano, que se toca – isto é, que se golpeia – com as mãos sobre o couro, e homens e mulheres em uma grande roda, em pares, porém soltos, sem dar-se as mãos, fazendo voltas ao redor dos tamborileiros. As mulheres, com a cabeça adornada de muitas flores, com o cabelo lustroso de sebo e empapadas de água de azahar, acompanhavam o seu galã na roda, balançando-se de forma cadenciada, muito esguias, enquanto o homem, ora fazendo piruetas, ora pulando, ora demonstrando sua destreza em cabriolas, tudo ao compasso da música, procurava cair nas graças da melindrosa negrinha ou *zambita*, seu par. Como uma dúzia de mulheres agrupadas junto aos tamborileiros os acompanhavam em seus toques, cantando e batendo palmas, o que faria inchar em dez minutos as mãos de quaisquer outras que não fossem elas mesmas. Quando se cansavam, os músicos – quer dizer, homens que batiam o tambor –, cantoras, dançarinas e bailarinas eram substituídos por outros e outras; e raramente a roda deixava de dar voltas e dois ou três tambores deixavam de aturdir por toda a noite. (tradução nossa).

diferencia del *currulao* de los negros, los hombres y mujeres, de dos en dos, se daban las manos en rueda, teniendo a los gaiteros en el centro, y ya se enfrentaban las parejas, ya se soltaban, ya volvían a asirse, golpeando a compás el suelo con los pies, balanceándose en cadencia y en silencio, sin brincos ni cabriolas y sin el bullicioso canto africano, notándose hasta el baile la diferencia de las dos razas. El indio, en todo hasta en la alegría manifiesta cierta tristeza. El negro se ríe a grandes carcajadas; el indio apenas se sonríe. El negro, cuando canta, cuando baila, se olvida hasta de la esclavitud; el indio, que casi nunca canta y que cuando lo hace parece que suspira, hasta bailando demuestra que recuerda y echa menos su antigua salvaje independencia y la libertad de los bosques, y en su semblante triste y en su aspecto humilde, y en su mirar reservado indica que protesta contra su suerte y que dice sin decirlo: “vosotros, blancos y negros, y los hijos de vuestra mezcla, sois intrusos aquí, sois usurpadores de mi propiedad, no tenéis derecho a la tierra que pisáis, que es mía”. Y esto es verdad. Pero el negro puede contestarle: - “Yo no vine aquí por mi gusto; me trajeran como esclavo”. ¡Esclavo! ¡que palabra!... ¡Sí! ¡la independencia es un bien por mal que estemos! (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 199, grifo do autor).¹⁵

Neste momento da narrativa, Posada Gutiérrez tece um comentário sublinhando a sobrevivência do *mapalé*, forma musical e coreográfica ainda hoje pulsante no Caribe colombiano. Na ocasião, registra também o arrefecimento das antinomias entre índios e negros.

Estos bailes se conservan todavía aunque con algunas variaciones. El *currulao* de los negros, que ahora llaman *mapalé*, fraterniza con la gaita de los indios. Las dos castas menos antagonistas ya, se reúnen frecuentemente para bailar confundidas, acompañando los gaiteros a los tamborileros. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 200, grifo do autor).¹⁶

O autor assinala, também, a generalização destas festas e a permanência de alguns costumes de forma profana:

¹⁵ Os índios também tomavam parte na festa, dançando ao som de suas gaitas, espécie de flauta semelhante a uma *zampoña*. Na gaita dos índios, diferentemente do *currulao* dos negros, os homens e mulheres, dois a dois, se davam as mãos na roda, tendo ao centro os gaiteros. Ora se confrontavam os pares, ora se soltavam, ora ainda voltavam a aproximar-se, batendo compassadamente no chão com os pés, balançando-se cadenciadamente e em silêncio, sem brincadeiras ou cabriolas e sem o ruidoso canto africano, notando-se até no próprio baile a diferença das duas raças. Em tudo o índio manifesta certa tristeza – até na alegria. O negro ri em grandes gargalhadas; o índio apenas sorri. O negro, quando canta, quando dança, se esquece até da escravidão; o índio, que quase nunca canta e que, quando o faz, parece suspirar, até dançando demonstra que recorda e sente a falta de sua antiga independência selvagem e a liberdade dos bosques, e em seu triste semblante, seu aspecto humilde, seu olhar reservado, mostra que protesta contra sua sorte e que diz, sem pronunciar: “vós, brancos e negros, e os filhos de sua mistura, sois intrusos aqui, sois usurpadores de minha propriedade, não tendes direito à terra que pisais, que é minha”. E isto é verdade. Contudo, o negro poderia responder-lhe: “Eu não vim aqui por meu gosto; trouxeram-me como escravo”. Escravo! que palavra! Sim! a independência é um bem, por mal que estejamos! (tradução nossa).

¹⁶ Estes bailes se conservam ainda, embora com algumas variações. O *currulao* dos negros, que agora chamam *mapalé*, se confraterniza com a gaita dos índios. As duas castas já são menos antagônicas e se reúnem frequentemente para dançar misturadas, os gaiteros acompanhando os tamborileiros. (tradução nossa).

Antes estos bailes no se usaban sino en las fiestas de alguna de las advocaciones de la VIRGEN, y en la del santo patrono de cada pueblo, sólo en su pueblo. En la del carnaval, y en alguna que otra notable. Ahora no hay en las provincias de la costa, arrabal de ciudad, ni villa, ni aldea, ni caserío donde no empiece la zambra desde las siete de la noche del sábado y dure hasta el amanecer del lunes, constituyendo el juego y el aguardiente la principal diversión; así es que los jornaleros y menestrales, malbaratando en esas dos noches y en el día intermedio cuanto ganaran en la semana, quedan postrados de cansancio, sus trabajos suspendidos el lunes y muchas veces el martes, y sus familias y ellos mismos sufriendo hambre y contrayendo deudas. La necesidad los obliga a trabajar dos o tres días de la semana, para el sábado siguiente volver a la misma criminal disipación. Así es que toda empresa de campo en que haya de trabajarse con jornaleros es perdida, porque nunca puede contarse con ellos en los momentos más necesarios. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 200).¹⁷

Se a participação das diversas “classes” ou “castas” de Cartagena de Indias é bem vista em algumas passagens, por sua vez, a profanação das práticas é vista com reserva e certo tom de lamento, e o autor não reconhece esses costumes como sendo da tradição. Esta seria tendencialmente pura e saudável; assim, as novidades que o desgostavam seriam derivações indesejáveis, deformações a deplorar.

El sentimiento religioso y el respeto que se tenía a la ley y a la autoridad hacía antes que estas diversiones populares fueran inocentes, sin que se vieran en ellas riñas, homicidios ni desórdenes de ninguna clase. En estos tiempos, como más *liberales*, todo ha cambiado. En las licenciosas orgías de ahora, sin contar los pecados de que hoy no se hace caso, ocurren frecuentemente colisiones sangrientas, en las que hay heridos y muertos, las que principalmente tienen origen en las mesas de juego y que la embriaguez agrava. La desmoralización en este sentido parece irremediable, pues se ha generalizado tanto, que habría peligro para la autoridad en pretender corregirla. Algunos pueblos se han hecho notables por sus excesos en esas plebeyas bacanales: el de San Onofre, en la provincia de Cartagena, tiene fama, pues casi no hay semana en que no suceda alguna desgracia, y poco menos puede decirse de los demás, tanto en las orillas del Atlántico como del Pacífico, y los de las riberas del bajo Magdalena, del Sinú y del Atrato. El vil y cobarde machete, que en la guerra jamás combate, jamás vence, sino que asesina cruelmente al vencido por el fusil o el rifle, ha cambiado su nombre: ya no se llama *machete* sino *peinilla*, y descuartizar a un hombre o cortarle la cabeza se llama *peinarlo*. Las cantarinas del *currulao* o sea *mapalé*, celebran en su canto impío las proezas de los *peluqueros* y las agonías de las víctimas, y cuando alguna

¹⁷ Antes, esses bailes não eram praticados senão nas festas de alguma das invocações da VIRGEN, ou na do santo padroeiro de cada povoação, somente naquele povoado, assim como no carnaval e em uma ou outra notável. Agora, não há nas províncias da costa, arrabalde de cidade, vila, aldeia ou ajuntamento de casas em que não comece a *zambra* desde as sete da noite do sábado, estendendo-se até o amanhecer da segunda feira, constituindo o jogo e a aguardiente a principal diversão. É assim que os jornaleiros e menestréis, desperdiçando nessas noites e no dia intermediário o quanto ganharam na semana. Ficam prostrados de cansaço, seus trabalhos interrompidos na segunda feira e muitas vezes ainda na terça feira, enquanto suas famílias e eles próprios passam fome e contraem dívidas. A necessidade os obriga a trabalhar dois ou três dias da semana, para no sábado seguinte voltar à mesma dissipação criminosa. Assim, toda empresa no campo em que se precise do trabalho dos jornaleiros está perdida, porque nunca se pode contar com eles nos momentos mais necessários. (tradução nossa).

estrofa impresiona a los danzantes, gritan éstos entusiasmados: ¡Viva la libertad! (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 200-201, grifo do autor).¹⁸

A decência e a ordem estão em função da imitação que os segmentos inferiores praticam com relação aos superiores, estando assim assegurada a harmonia:

De media noche para adelante alternaban con la contradanza y el valse algunos *bailes de la tierra*, que aunque alegres y vivarachos, no podían inquietar por su pimpollo a la madre más arisca y regañona, pues los buenos modales, la decencia y la cortesanía no se olvidaban en ningún caso, ni aun en las ultimas clases, que tendían siempre a imitar a las primeras. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 202, grifo do autor).¹⁹

Uma das observações mais perspicazes de Posada Gutiérrez é a aliança entre as mulheres brancas espanholas e as mulheres brancas nascidas na América – as *criollas* –, unidas entre si em razão de uma diferença mais definidora, qual seja, entre as brancas e as mestiças e negras:

Además de las tres categorías de los bailes de salón, de la cuarta de tambores y de la quinta de gaita, había una numerosa, acomodada, por lo regular bien educada, llamada *blancas de la tierra*, con sus correspondientes blancos de la misma clase, médicos, boticarios, pintores, plateros, etc. A esta clase pertenecía la aristocracia del mostrador, o sean los mercaderes. Ella también proveía el seminario y de ella se formaban casi todos los curas, pero los canónigos y los obispos habían de ser *blancos de Castilla*. Las blancas de la tierra, no teniendo entrada en el baile de primera, mirando con altivez el de segunda y con desprecio el de tercera, se reunían en sus casas y bailaban con los hombres de su clase y con los blancos de Castilla, con música de cuerda, más armoniosa y agradable para bailar que la de viento. Y lo singular es que las blancas de Castilla, que

¹⁸ Antes, o sentimento religioso e o respeito à lei e à autoridade faziam com que estas diversões populares fossem inocentes, sem que se vissem aí rinhãs, homicídios ou desordem de tipo algum. Nestes tempos, mais liberais, tudo mudou. Nas orgias licenciosas de agora, sem contar os pecados de que não se faz caso, ocorrem frequentemente embates sangrentos, em que há feridos e mortos, que têm origem principalmente nas mesas de jogo e são agravados pela embriaguez. A desmoralização, neste sentido, parece irremediável, tendo se generalizado tanto que havia perigo para a autoridade em pretender corrigi-la. Alguns povoados tornaram-se famosos por seus excessos nessas bacanais plebeias: o de Santo Onofre, na província de Cartagena, tem esta fama, pois quase não se passa uma semana sem que suceda alguma desgraça. Um pouco menos se poderia afirmar acerca dos demais, tanto às margens do Atlântico como do Pacífico, assim como nas margens do baixo Madalena, do Sinu e do Atrato. O vil e covarde facão, que na guerra jamais combate, jamais vence, pois se assassina cruelmente o vencido com o fuzil ou o rifle, mudou de nome: já não se chama facão, e sim *peinilla* [pente], e esquarterar um homem ou cortar sua cabeça se chama, agora, *peinarlo* [penteá-lo]. As cantoras do *currulao*, ou seja, *mapalé*, celebram em seu canto ímpio as proezas dos *cabeleireiros* e as agonias das vítimas, e quando alguma estrofe impressiona aos dançarinos, estes gritam entusiasmados: Viva a Liberdade! (tradução nossa).

¹⁹ Da meia noite em diante, alternavam com a contradança e a valsa alguns *bailes da terra*, que embora alegres e vivazes, não podiam despertar inquietação, por sua amenidade, mesmo a mãe mais mal humorada e dada às reclamações, pois os bons modos, a decência e a etiqueta cortês não eram esquecidos em ocasião alguma, nem nas últimas classes, que tendiam sempre a imitar as primeiras. (tradução nossa).

resistían admitir en su categoría las blancas de la tierra, por respetables que fueran, bailaban con ellas en sus propias casas recíprocamente y se trataban como amigas fuera de estos tres casos: en las procesiones; en los paseos en carruaje; en los bailes de ostentación.

Parecerá que ni el orgullo ni la vanidad pudieran inventar más subdivisiones de rango, pues aún había otra clase, y en verdad muy interesante: componíanse de cuarteronas, color entre el nácar y la canela; de ojos de lucero chispeando fuego y amor y dentadura esmaltada cual hileras de perlas panameñas, sólo un grado inferior a las blancas de la tierra, casi pobres, las más cigarreras, costureras, modistas, bordadoras, etc. de traje modesto de zaraza o muselina y calzado de rasete. Estas, con los mozos de su clase, decentemente vestidos, bailaban sin otra música que la de una o dos arpas cartageneras que las mismas muchachas tocaban, y aún tocan, maravillosamente, y la de una o dos flautas de aficionados que las acompañaban. Los blancos de Castilla y los blancos de la tierra se desertaban furtivamente a bailar con ellas, dejando sus salas desiertas, y muchas veces se necesitaba enviar comisionados a buscarlos, a reserva de la correspondiente reprimenda por semejante descortesía, la que no impedía la reincidencia al menor descuido. Mas para honra de la época debo decir que el mismo Catón el Censor no habría podido encontrar en aquella animada alegría de todas las clases, un solo pecado que pasara de venial. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 203-204, grifo do autor).²⁰

O General mostra um otimismo com relação à integração entre os brancos mais claros e menos claros por intermédio da miscigenação:

Todas estas divisiones insensatas, inventadas por el orgullo humano, desaparecen rápidamente entre nosotros: el equilibrio natural y legítimo va

²⁰ Além das três categorias dos bailes de salão, da quarta – os tambores – e da quinta – as gaitas –, havia outra, numerosa, acomodada, normalmente bem educada, chamada *blancas de la tierra*, com seus correspondentes brancos da mesma classe, médicos, boticários, pintores, ourives, etc. A esta classe, pertencia a aristocracia dos lojistas, ou seja, os mercadores. Esta classe também provia o seminário e dela se formavam quase todos os padres, mas os cônegos e bispos teriam que ser *blancos de Castilla*. As *blancas de la tierra*, não tendo entrada no baile de primeira, mirando com altivez o de segunda e com desprezo o de terceira, se reuniam em suas casas e dançavam com os homens de sua classe e com os *blancos de Castilla*, com música de corda, mais harmoniosa e agradável para dançar que a música de sopro. E o singular é que as *blancas de Castilla*, que resistiam a admitir em sua categoria as *blancas de la tierra*, por mais respeitáveis que fossem, dançavam com elas em suas próprias casas recíprocamente e se tratavam como se fossem amigas, à exceção desses três casos: nas procissões, nos passeios de carruagem e nos bailes de ostentação. É como se nem o orgulho nem a vaidade pudesse inventar mais subdivisões de classe, pois ainda havia outra classe, e na verdade muito interessante: compunha-se de *cuarteronas*, de cor entre nácar e canela; de olhos de luzeiro chispando fogo e amor e dentadura esmaltada qual fileiras de pérolas panamenhas, apenas um grau inferior às *blancas de la tierra*, quase pobres, cuja maioria se compunha de cigareiras, costureiras, modistas, bordadeiras, etc. de traje modesto de *zaraza* ou musselina e *calzado de rasete*. Estas, com os rapazes de sua classe, decentemente vestidos, dançavam sem outra música senão a de uma ou duas harpas cartageneiras que elas mesmas tocavam – e ainda tocam – maravilhosamente, e a de uma ou duas flautas de aficionados que as acompanhavam. Os *blancos de Castilla* e os *blancos de la tierra* fugiam furtivamente para dançar com elas, deixando suas salas desertas, e muitas vezes era necessário enviar mensageiros a buscá-los, para evitar a correspondente reprimenda por semelhante descortesia, o que não impedia a reincidência ocasionada pelo menor descuido. Entretanto, para honra da época, devo dizer que o próprio censor Catão não teria encontrado naquela animada alegria de todas as classes um só pecado que passasse de venial. (tradução nossa).

estableciéndose, y los enlaces matrimoniales, más que otra cosa, lo prueban. Pero la mala fe tiende a empujar la sociedad al extremo contrario, lo que quizá es peor que lo primero, porque precipita al desorden, degrada la dignidad y mata todos los estímulos de honroso y decente comportamiento para merecer y obtener una posición en la sociedad. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 203).²¹

A convivência de setores tão diferentes entre si na mesma sociedade cartageneira aparece no relato, orquestrada pela adoção comum da mesma religião:

En algunas casas principales había oratorios en los vastos corredores del frente, en los que se decía misa y se rezaba la novena a la hora en que se hacía en la iglesia del cerro, siendo admitidos sin distinción cuantos cabían en el corredor, blancos y negros, amos y esclavos; y esto facilitaba a todos cumplir el deber religioso, con fervor sincero, sin que el placer de los sentidos lo hiciera olvidar nunca. El cristianismo, declarando a todos los hombres hijos de un mismo Dios, los ha declarado iguales; pero sólo en los templos católicos y en los augustos actos de la religión católica se ve la igualdad. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 204).²²

Neste sentido, o culto à mãe de Jesus figura na cena das festas como a culminância da superioridade de tudo que é cristão, no caso, o que tem origem europeia:

Llegaba por fin el gran día de la purificación de la MADRE POR EXCELENCIA, BENDITA ENTRE TODAS LAS MUJERES. Coches, faetones, berlinas, quitrines y hasta las carretas se ponían en movimiento desde las cinco de la mañana, llevando gente de todas las categorías y de todos los colores, de la ciudad al Pie de la Popa. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 204).²³

Numa interpretação muito engenhosa da convivência entre os diferentes, Posada Gutiérrez afirma a festa como um momento em que se amenizavam os fatores diacríticos, com exceção dos símbolos militares. O uso das joias de imitação simbolicamente preenchia o espaço do desejo de adornar a pele das mulheres. Nisto se igualavam as que portavam

²¹ Todas estas divisões insensatas, inventadas pelo orgulho humano, desaparecem rapidamente entre nós: o equilíbrio natural e legítimo vai se estabelecendo e os enlaces matrimoniais, mais que outra coisa, o provam. A má fé, contudo, tende a empurrar a sociedade para o extremo contrário, o que talvez seja pior que o primeiro, porque precipita a desordem, degrada a dignidade e mata todos os estímulos de honroso e decente comportamento para merecer e obter uma posição na sociedade. (tradução nossa).

²² Em algumas casas principais, havia oratórios nos vastos corredores da frente, nos quais se dizia missa e se rezava a novena enquanto se fazia o mesmo na igreja do cerro, sendo admitidos sem distinção quantos cabiam no corredor, brancos e negros, amos e escravos; e isto facilitava a todos o cumprimento do dever religioso, com fervor sincero, sem que jamais o prazer dos sentidos o fizesse esquecer. O cristianismo, declarando que todos os homens são filhos de um mesmo Deus, lhes declarou iguais; entretanto, somente nos templos católicos e nos augustos atos da religião católica se vê a igualdade. (tradução nossa).

²³ Chega enfim o grande dia da purificação da MÃE POR EXCELÊNCIA, BENDITA ENTRE TODAS AS MULHERES. Coches, *faetones*, *berlinas*, *quitrines* e até as carretas se punham em movimento desde as cinco da manhã, levando gente de todas as categorias e de todas as cores, desde a cidade até o *Pie de la Popa*. (tradução nossa e grifo nosso).

umas e aquelas que portavam as outras. E a roupa limpa num calor rigoroso como que unificava as diferentes indumentárias, numa comunhão tão possível quanto exequível de aparências...

Y no se piense que este lujo oriental estaba reservado a la clase privilegiada: lo usaban igualmente los de las otras que podían, pues en ellas había también ricos, y ninguna ley suntuaria se lo prohibía. Entonces, como antes, como ahora, tener o no tener ha establecido en la sociedad humana una diferencia entre las diferencias, y hasta cierto punto tener iguala a los que tienen, y *no tener* iguala a los que no tienen. Sólo la espada y el sombrero de tres picos con la escarapela encarnada estaban reservados para los grandes personajes en los días de ceremonia.

En todas las clases los que no tenían con que usar piedras preciosas, que era la pasión dominante, heredada de antiguo de los moros, las usaban falsas de imitación, al oro lo reemplazaba la plata dorada, a la perla fina la falsa, y así de lo demás. En las últimas clases, cuyo vestido era con poca diferencia el de hoy, el esmerado aseo suplía el lujo de las primeras. En las tierras calientes el baño es un placer que no tiene equivalente en las tierras frías; es pues el aseo una necesidad que se lleva con gusto, y el baño facilita llevar siempre limpia la ropa, aun a aquellos que, como nuestros soldados, la lavan por sí mismos. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 206).²⁴

A Festa da Candelária, pela pena do General, aparece como uma liturgia da ordem e da legitimação dos poderes religiosos e militares, com a hierarquia entre as “classes”, rígida em termos de definição de seus componentes e até certo ponto flexível em termos de convivência espacial.

Llegamos a la fiesta del GRAN DÍA. Por lo regular pontificaba en ella el obispo, con asistencia de los cabildos secular y eclesiástico y de las autoridades, siendo quizá la más solemne de las de Cartagena, en donde lo eran todas, bien que la pequeñez del templo no permitía que asistiesen a ella en su interior la centésima parte de los concurrentes. [...]

El estampido sonoro del cañón de calibre de 24, que por largo rato retumbaba; el humo del incienso de veinte incensarios que, en fragantes y blancas columnas lentamente se levantaba y esparcía, y principalmente los cánticos sagrados que acompañaba una música melodiosa de capilla,

²⁴ E não se pense que este luxo oriental estava reservado à classe privilegiada: dele faziam uso igualmente os membros das outras classes, pois entre elas haviam também ricos, e nenhuma lei suntuária o proibia. Então, antes como agora, ter ou não ter estabeleceu na sociedade humana uma diferença entre as diferenças, e até certo ponto ter iguala aos que têm, e *não ter* iguala aos que não têm. Só a espada e o chapéu de três pontas com o galardão encarnado estavam reservados aos grandes personagens nos dias de cerimônia. Em todas as classes, os que não tinham como usar pedras preciosas – a paixão dominante, herdada dos antigos mouros – usavam imitações falsas, sendo que a prata dourada substituía o ouro e a pérola falsa substituía a pérola fina, sucedendo-se assim nos outros casos. Nas últimas classes, cuja indumentária difere pouco daquela de hoje, o aseo esmerado supria o luxo das primeiras. Nas terras quentes, o banho é um prazer que não tem equivalente nas terras frias; o aseo é, assim, uma necessidade que se satisfaz com prazer, e o banho facilita estar sempre com a roupa limpa, mesmo no caso daqueles que, como nossos soldados, a lavam eles mesmos. (tradução nossa e grifo nosso).

embelesaban el alma, y llevaban el sentimiento religioso, con ternura inefable, con fe y esperanza, derecho al corazón, “porque el canto nos viene de los ángeles y el manantial de los conciertos está en el cielo”.

La música militar cerraba detrás de las autoridades la majestuosa pompa, dándole mayor auge y solemnidad. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 206-207).²⁵

Diferentemente de uma legião de cronistas e eclesiásticos que, durante quase três séculos, haviam solicitado das autoridades a proibição da festa dos negros e índios, a posição de Posada Gutiérrez é de condescendência e comporta certa admiração diante dessas práticas. As informações sobre o andamento da festa e os folguedos dos negros e índios são preciosas para o estudo das formas festivas de Cartagena de Índias. Aos efeitos de responder às indagações colocadas no início deste artigo, cabe considerar a posição que os próprios grupos de negros e índios ocupa na narrativa: ao mesmo tempo que estão na cauda do cortejo, comparecem ao capítulo já no final. “También” existem.

Seguían diariamente las fiestas de iglesia de los gremios de mercaderes, de artesanos, de la matrícula de marina, de las maestranzas, etc., hasta el domingo de carnaval, último día, que tocaba a los negros bozales. Entonces los había en gran número, a los que se agregaban algunos de los ya nacidos en el país, todos esclavos. Siempre tuvieron ellos en la ciudad y las haciendas sus cabildos de mandingas, caravaliés, congos, etc., cada uno con su rey, su reina y sus príncipes, porque en África hay aristocracia, aún salvaje, y el negro tiene el instinto y la tradición de la monarquía absoluta: Cristóbal y Zoulouque en Haití lo han probado. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 207-208).²⁶

A descrição das festas de reis negros é, em certos aspectos, bem próxima de algumas páginas de Marina Melo e Souza (2002) quando se refere à coroação de reis negros no Brasil.

²⁵ Chegamos à festa do GRANDE DIA. Normalmente, pontificava nesta festa o bispo, com a assistência dos cabildos secular e eclesiástico e das autoridades, sendo talvez a mais solene dentre as festas de Cartagena, mesmo considerando que solenes eram todas, se bem que a pequenez do templo não permitia que ao seu interior pudesse chegar a centésima parte dos presentes. [...] O estampido sonoro do canhão de calibre de 24, que retumbava por um longo tempo; a fumaça do incenso de vinte incensários que, em alvas e fragrantas colunas lentamente se levantava e espalhava, e principalmente os cânticos sagrados que acompanhavam uma música melodiosa de capela, embelezavam a alma e levavam o sentimento religioso, com ternura inefável, com fé e esperança, diretamente ao coração, “porque o canto nos vem dos anjos e o manantial dos concertos está no céu”. A música militar encerrava, atrás das autoridades, a majestosa pompa, conferindo-lhe maior apogeu e solenidade. (tradução nossa).

²⁶ Seguiam diariamente as festas de igreja das associações de mercadores, de artesãos, dos marinheiros, dos mestres, etc., até o domingo de carnaval, último dia, que cabia aos negros boçais. Na ocasião, estes se faziam presentes em grande número, aos quais se agregavam alguns daqueles já nascidos no país, todos escravos. Sempre tiveram, na cidade e nas fazendas, seus cabildos de mandingas, *caravaliés*, congos, etc., cada um com seu rei, sua rainha e seus príncipes, porque na África há aristocracia, embora selvagem, e o negro tem o instinto e a tradição da monarquia absoluta: Cristóbal e Zoulouque, no Haiti, o provaram. (tradução nossa).

En ese día, imitando con alegría las costumbres y vestidos de su patria, recuerdos siempre gratos a todos los hombres, embrazando grandes escudos de madera forrados en papel de colores, llevando delantales de cuero de tigre; en la cabeza una especie de rodete de cartón guarnecido de plumas de colores vivos; la cara, el pecho, los brazos y las piernas pintados de labores rojas, y empuñando espadas y sables desenvainados, salían de la ciudad a las ocho de la mañana, y bajo el fuego abrasador del sol en una latitud de diez grados y al nivel del mar, iban cantando, bailando, dando brincos y haciendo contorsiones al son de tambores, panderetas con cascabeles, y golpeando platillos y almireces de cobre; y con semejante estruendo y tan terrible agitación, algunos, haciendo tiros con escopetas y carabinas por todo el camino, llegaban a la Popa bañados en sudor, pero sin cansarse. [...]

Sólo el rey y la reina podían llevar paraguas, como un privilegio exclusivo de la majestad real. Las princesas y las damas de la corte, no pudiendo llevar sombreros, se cargaban la cabeza de guirnaldas y ramos de flores, tanto por alivio como por adorno. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 208-209).²⁷

Entretanto, a própria liturgia da Festa expunha os limites da coroação, subsumindo os ritos festivos dos negros ao culto católico:

Aquellos eran días de casi libertad para los esclavos. Siendo ellos protegidos por la veneración que se tenía a la MUJER escogida por Dios para “consuelo de los afligidos”, sus amos les daban solaz y holganza, y no habrían podido hacer lo contrario aunque hubieran querido, porque la costumbre y la opinión los obligaba a ello, y la autoridad misma lo exigía. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 209).²⁸

É provável que a aceitação que o General mostra com relação à festa dos negros decorra da adaptação de alguns de seus aspectos, como a indumentária. Afinal, não se tratava mais das “festas insanas” que os missionários tanto buscaram coibir, convidando os foliões à penitência, como foi o caso do próprio São Pedro Claver no século XVII. As

²⁷ Nesse dia, imitando com alegria os costumes e vestidos de sua pátria, recordações sempre gratas a todos os homens, envergando grandes escudos de madeira forrados de papéis coloridos, levando aventais de couro de tigre; na cabeça uma espécie de gorro de cartolina guarnecida com plumas de cores vivas; o rosto, o peito, os braços e as pernas pintadas de listas vermelhas, e empunhando espadas e sabres desembainhados, saíam da cidade às oito da manhã e, sob o fogo abrasador do sol numa latitude de dez graus e ao nível do mar, iam cantando, dançando, pulando e fazendo contorções ao som de tambores, pandeiros com platinelas, e batendo pratos e *almireces* de cobre; e com semelhante estrondo e tão terrível agitação, alguns, dando tiros de escopetas e carabinas por todo o caminho, chegavam à Popa banhados de suor, mas sem cansar. [...] Só o rei e a rainha podiam levar guarda-sóis, como um privilégio exclusivo da majestade real. As princesas e as damas da corte, não podendo levar chapéus, envergavam à cabeça grinaldas e ramos de flores, tanto por alívio como por adorno. (tradução nossa).

²⁸ Aqueles eram dias de quase liberdade para os escravos. Sendo eles protegidos pela veneração que se tinha à MULHER escolhida por Deus para “consolo dos aflitos”, seus amos lhes davam relaxamento e folga, e não poderiam agir de outro modo, mesmo que o quisessem, porque o costume e a opinião os obrigavam a isto, e a própria autoridade o exigia. (tradução nossa).

senhoras brancas preparavam devidamente suas cativas para abrilhantar a Festa da Candelária.

Las mujeres no iban vestidas a la africana, esto es, no iban casi desnudas; sus amas se esmeraban en adornarlas con sus propias alhajas, porque hasta en esto entraba la emulación y la competencia. Las reinas de cada cabildo marchaban erguidas, deslumbrantes de pedrería y galones de oro, con la corona de reina guarnecida de diamantes, de esmeraldas, de perlas, y negra bozal se veía que con la riqueza que llevaba encima habrían podido libertarse ella y su familia, y que pasadas las fiestas volvía triste y abatida al agudo dolor moral y las penalidades físicas de la esclavitud. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 208).²⁹

A própria dinâmica da Festa, se por um lado permitia assimilações simbólicas, por outro, reiterava a ordem e coroava a fidelidade e submissão das negras que haviam usado os enfeites de suas senhoras:

Oída la misa solemne a las doce del día, bajaban todos llenos de contento y e unción religiosa, con la misma agitación con que habían subido, y entraban en la ciudad como a las tres de la tarde, hora en que el calor terrible, sofocante, llega en Cartagena a su mayor intensidad; y las reinas y las princesas se apresuraban a devolver a sus amas las valiosas alhajas de su adorno, temblando de haber perdido alguna, lo que no sucedió jamás. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 209).³⁰

Na cauda do cortejo, os negros têm seu momento de folia deslavada, fazendo um Carnaval até receber suas cinzas de um santo negro:

Desde aquel momento hombres y mujeres quedaban completamente libres para divertirse en sus cabildos hasta las seis de la mañana del miércoles, que oían misa en San Diego, en el altar de San Benito el negro, en la que el sacerdote les imprimía en la frente la cruz de ceniza con que la religión católica recuerda a todos los hombres, blancos y negros, amos y esclavos, ricos y pobres, opresores y oprimidos, que no son más que polvo, y que en polvo se han de convertir, sumergiéndose con su orgullo, con su vanidad, en el seno de la sepultura. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 209).³¹

²⁹ As mulheres não iam vestidas à moda africana, isto é, não iam quase nuas; suas amas se esmeravam em adorná-las com suas próprias joias, porque até nisto vigorava a emulação e a competição. As rainhas de cada *cabildo* marchavam erguidas, deslumbrantes de pedrarias e galões de ouro, com a coroa de rainha guarnecida de diamantes, esmeraldas e pérolas, e se via que a negra boçal, com a riqueza que levava consigo, teria podido libertar-se – tanto ela como sua família –, e que, passadas as festas, voltava triste e abatida à aguda dor moral e às penalidades físicas da escravidão. (tradução nossa e grifo nosso).

³⁰ Ouvida a missa solene às doze horas, desciam todos cheios de contentamento e unção religiosa, com a mesma agitação com que haviam subido, e entravam na cidade cerca de três horas da tarde, quando o calor terrível, sufocante, alcança em Cartagena sua maior intensidade; e as rainhas e princesas se apressavam em devolver às suas amas as joias valiosas de seu adorno, tremendo diante da possibilidade de ter perdido alguma, o que jamais sucedeu. (tradução nossa).

³¹ Desde aquele momento, homens e mulheres ficavam completamente livres para divertir-se em seus cabildos até as seis da manhã da quarta-feira, quando ouviam missa em San Diego, no altar de São Benedito negro, quando o sacerdote lhes imprimia na testa a cruz de cinzas com que a religião

A propósito, o historiador colombiano Alfonso Múnera, em sua obra mais conhecida, *El Fracaso de la Nación*, chama a atenção para a convivência entre negros e brancos mesmo nos bairros considerados mais aristocráticos. Ao contrário das cidades andinas, em que a distribuição espacial das classes era mais rígida, em Cartagena de Índias, a própria configuração da cidade como porto e entreposto havia contribuído para tornar adjacentes seus polos sociais (MÚNERA, 2008, p. 105). Como se diz na própria cidade de Cartagena nos dias de hoje, “juntos pero no revueltos”. A adjacência não exime os polos sociais de antinomias e fricções, apenas os configura diferentemente.

Tudo isto comprazia o nosso General. Aproximando-se o final do capítulo 34, concluindo sua grandiosa narrativa da Festa da Candelária, seu autor se coloca de forma piedosa:

Siendo el espacio en la planicie de la cumbre del cerro sumamente estrecho y corto para permitir el movimiento de la numerosa concurrencia, la procesión marchaba con la mayor lentitud, sobre una alfombra de flores y hojas olorosas, llegando a la cruz telegráfica de la vigía al mismo tiempo que el sol desaparecía como si se sumergiera en el mar, que desde allí se domina en la mitad de la circunferencia. El que no haya visto el mar no tiene idea de lo grandioso, de lo inmenso, de lo infinito. Para mí, lejos del mar no hay vida, y ruego a Dios que me conceda morir oyendo su ronco bramido. (POSADA GUTIERREZ, 1929, p. 207).³²

Buscando compreender o memorialista

Após esta longa apresentação do texto singular de Posada Gutiérrez sobre a Festa da Candelária, caberiam algumas considerações acerca do seu perfil psicológico e biográfico.

Quando escreveu as *Memorias*, a Colômbia acabava de passar por uma guerra civil ao cabo da qual o Partido Liberal alijou do poder o Partido Conservador, o que o General percebe como uma usurpação. Compreende-se assim o tom de ressentimento e irritação da sua pena no conjunto da obra. O que lhe causava mais irritação era justamente o jogo da

católica recorda a todos os homens, brancos e negros, senhores e escravos, ricos e pobres, opressores e oprimidos, que não são mais que pó, e que em pó hão de se converter, enterrando-se com seu orgulho, com sua vaidade, no seio de sua sepultura. (tradução nossa).

³² Sendo muito estreito e curto o espaço do cume da montanha para permitir o movimento da numerosa afluência, a procissão marchava com a maior lentidão, sobre um tapete de flores e folhas exalando perfume, chegando à cruz telegráfica da vigia ao mesmo tempo que o sol desaparecia como se mergulhasse no mar, que desde aquele ponto se vê dominando a metade da circunferência. Quem não tiver visto o mar não tem ideia do grandioso, do imenso, do infinito. Para mim, longe do mar não há vida, e rogo a Deus que me conceda morrer ouvindo seu ronco bramido. (tradução nossa).

democracia representativa em termos eleitorais, consistindo na alternância dos partidos no comendo do aparelho do Estado.

Juan Carlos Vélez Rendon (2006) destaca alguns vetores da construção da personalidade política de Posada Gutiérrez. Inicialmente, destaca a marca iluminista de sua formação intelectual, o que é compreensível se considerarmos a vigência desta concepção do mundo quando de sua adolescência e juventude, seja na Europa, seja na própria Cartagena de Indias, porto movimentado ao qual chegavam livros em espanhol, inglês e francês. Segundo, a forma como vê as guerras civis e as dissensões na República, qual uma dissolução do sonho de uma pátria conforme as orientações de Bolívar. Em seguida, a questão candente da própria federação nacional, que Posada Gutiérrez relaciona sempre à tensão entre as paixões pessoais e a Lei, um dos elementos básicos de sua análise dos conflitos na sociedade e política colombianas. É possível, contudo, que o item mais agudo seja o papel desempenhado pelos partidos e clubes políticos, agremiações às quais costuma se referir de forma quase sempre negativa, o que se verifica também com relação à imprensa.

O valor que busca incessantemente defender é a integridade da pátria tal qual Bolívar havia concebido. Isto pode explicar uma ausência que parece significativa a quem se tiver familiarizado com a história de Cartagena de Indias no início do século XIX. Trata-se do dramático processo de independência desta cidade-estado que se autodenominou de *Independencia Absoluta*. Em 11 de novembro de 1811, os conselheiros, pressionados vigorosamente por setores da população nuclearizados no bairro de Getsemaní e liderados pelo ferreiro cubano Pedro Romero, proclamaram a independência incondicional, o que no continente só encontrava paralelo no que aconteceu em Caracas.

Como explicar a ausência deste item nas *Memorias* de Posada Gutiérrez? Se é verdade que era um adolescente de 14 anos quando ocorreu a proclamação, o que não se poderia negar, considerando a vivacidade de seu temperamento e a agudeza de sua inteligência, é que não tenha percebido as vibrações deste processo, não somente porque estava aí quando ocorreu a declaração de independência, como também porque as reverberações desses acontecimentos chegaram até a Jamaica e à Europa, onde esteve nos anos seguintes.

O que se poderia aduzir é que a configuração do movimento não correspondia ao modelo de uma república de criollos tal como ansiada por setores da América Hispânica. A Independência de Cartagena de Indias não é reconhecida, pelas elites em cujo bojo se encontrava a família de Posada Gutiérrez, como a construção de uma pátria *criolla*. Acontece à revelia de Santa Fé de Bogotá, com ampla participação de setores da população que jamais corresponderiam a algum ideal de pátria liberal acalentada pelos republicanos da extração do futuro General.

Alfonso Múnera sublinha a importância, naquele que era o maior porto continental do Caribe, de uma quantidade expressiva de negros e mestiços alfabetizados inteirados do que se passava em outros cantos do mundo e queriam galgar posições na sociedade local. Este autor assim se refere à configuração dos movimentos emancipacionistas havidos na atual Colômbia naqueles inícios de século XIX:

[...] me propongo demostrar que la construcción de la nación fracasó porque la Nueva Granada como unidad política nunca existió. Que al estallar la independencia no hubo una élite criolla con un proyecto nacional, sino varias élites regionales con proyectos diferentes. Y por último, que las clases subordinadas tuvieran una participación decisiva, con sus propios proyectos e intereses, desde los orígenes de la revolución de independencia. Durante los años de la primera independencia de Cartagena (1811-1815), los mulatos fueran capaces de desempeñar un papel de liderazgo. (MÚNERA, 2008, p. 38).³³

O que podem significar estas últimas observações aos efeitos da construção de uma autobiografia?

Ora, Posada Gutiérrez muito dificilmente reconheceria o protagonismo daqueles personagens que, na cena dos bailes que descreve da Festa da Candelária, ocupavam do segundo escalão em diante. O próprio Pedro Romero, o negro cubano que se destacou como líder da manifestação que culminou na Declaração de *Independencia Absoluta*, aquilo que até hoje se chama, em Cartagena de Indias, *El Bando de la Independencia*, jamais compareceria às páginas do General como um herói. Quem sabe no final do cortejo, com seus tambores, galhofas e pantomimas, bem distantes daqueles divertimentos dos cavalheiros e damas espanhóis e criollos.

Outro elemento que se poderia aduzir, nesta reflexão, é que a Igreja esteve ausente da proclamação da *Independencia Absoluta*, embora o documento não seja ateuista e recorra firmemente ao nome de Deus. Os primeiros termos da *Acta de Independencia de la Provincia de Cartagena de la Nueva Granada*, amplamente divulgada na cidade por ocasião do Bicentenário deste acontecimento, são os seguintes: En el nombre de Dios

³³ Proponho-me a demonstrar que a construção da nação fracassou porque a Nova Granada jamais existiu como unidade política. Que, ao se instalar a independência, não houve uma elite *crioiula* com um projeto nacional, e sim várias elites regionais com projetos diferentes. E, por último, que as classes subordinadas tiveram uma participação decisiva, com seus próprios projetos e interesses, desde as origens da revolução de independência. Durante os anos da primeira independência de Cartagena (1811-1815), os mulatos foram capazes de desempenhar um papel de liderança. (tradução nossa e grifo nosso).

Todopoderoso, Autor de la Naturaleza, nosotros los representantes del buen pueblo de la Provincia de Cartagena de Indias [...] ³⁴

Difícilmente, contudo, um movimento que aconteceu sem a chancela da instituição que detinha o monopólio da definição do sagrado diante das elites cartageneiras poderia ser reconhecido na sua plena legitimidade.

Considerações finais

Os pais de Joaquín Posada Gutiérrez julgaram que, enviando o jovem cartageneiro à Europa, o preservariam do antirrealismo que grassava na América Hispânica, sobretudo entre os criollos que tinham como projeto a construção de uma República. Observando sua estratégia deste ângulo, constatamos que não obtiveram êxito. Desde cedo, Joaquín se tornou ardente republicano e anti-hispânico.

Entretanto, o republicanismo bolivariano, que desposou com todas as forças de seus sentimentos, afetos e inteligência, se identificou com uma forma de pensamento e uma postura autoritários que podemos resumir numa palavra: o caudilhismo. Para o General Posada Gutiérrez, tudo iria bem se estivesse conforme as orientações do Libertador, tanto quanto iria mal caso se afastasse de seu legado.

A Liberdade pela qual pugnou toda a sua vida se realizava mediante uma hierarquização definida, capaz de levar uma sociedade tão complexa como a colombiana se orientar sempre para a ordem, sob a égide do Catolicismo e das Forças Armadas. Assim, podemos encontrar na figura do Caudilho elementos da figura do Rei, ainda que não encabeçasse uma monarquia nem instituisse uma dinastia. O Caudilho é um César latino-americano. A literatura de Gabriel García Márquez e Mário Vargas Llosa, para falar apenas de dois nomes sobressalientes do noroeste da América do Sul, delineia magnificamente este traço histórico que ainda hoje desafia a capacidade de nossas sociedades com o intuito de construir seu futuro.

Neste sentido, o capítulo 34 das *Memorias* não constitui propriamente um intervalo ou um elemento atípico no conjunto da obra. Conquanto apresente um estilo um tanto diferenciado, com uma transparência maior de suas emoções à medida que revela ao leitor suas lembranças de juventude, a narrativa sobre a Festa da Candelária e outras festividades de Cartagena de Indias é uma forma complementar de elogio da ordem e da harmonia garantida pela hierarquização das raças, das classes e das posições profissionais e políticas. Assim, Don Benito Posada y Frade e Dona María Josefa Gutiérrez não estariam

³⁴ Em nome do Deus Todo Poderoso, Autor da Natureza, nós, representantes do bom povo livre da Província de Cartagena de Indias [...] (tradução nossa).

tão frustrados se pudessem descortinar o perfil do autor extraordinário que geraram para o pensamento político latino-americano.

Recebido em 6/4/2015

Aprovado em 12/5/2015

NOTAS

¹ Disponível como <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/memhist/indice.htm>.

² Disponível como <http://www.banrepcultural.org/sites/default/files/87302/brblaa554119.pdf>.

³ Assim se chamavam, em diversas regiões do que hoje é Espanha, os três dias anteriores à Quarta Feira de Cinzas, equivalendo ao Carnaval. O próprio termo tem o mesmo radical substantivo. Julio Caro Baroja (2006) o relaciona com frequência a outros termos como *Antruejo* e *Entrudo*.

REFERÊNCIAS

BAROJA, Julio Caro. *El Carnaval*. Análisis histórico-cultural. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

GUTIÉRREZ SIERRA, Edgar. *Fiesta de la Candelaria en Cartagena de Indias*. Medellín: Creer, poder y gozar, 2009.

_____. *Fiestas: Once de Noviembre en Cartagena de Indias*. Manifestaciones Artísticas. Cultura Popular 1910-1930. Medellín: Editorial Lealon, 2000.

LEMAITRE, Eduardo. *Historia general de Cartagena de Indias*. Bogotá: Banco de la República, 1983. 4 v.

MÚNERA, Alfonso. *El Fracaso de la Nación*. Región, clase y raza em El Caribe colombiano (1717-1821). Bogotá: Ed. Planeta Colombiana, 2008. Nueva edición.

POSADA GUTIÉRREZ, Joaquín. *La Batalla del Santuario*. Bogotá: Editorial Minerva, 1936. Biblioteca Aldeana de Colômbia. Selección Samper Ortega de literatura colombiana. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/sites/default/files/87302/brblaa554119.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

_____. *Memorias Historico-Políticas*. 2. ed. Bogotá: Imprenta Nacional, 1929. Biblioteca de Historia Nacional, volumen XLII.

_____. *Memorias Histórico Políticas del General Joaquín Posada Gutiérrez*. Bogotá: Imprenta Focion Mantilla, 1865. Biblioteca Virtual Luís Ángel Arango, Actividad Cultural del Banco de la República. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/memhist/indice.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

RESTREPO, José Manuel. *Historia de la revolución de la República de Colombia*. 3. ed. Bogotá: Talleres Gráficos, 1942-1950. 8 v.

RENDON, Juan Carlos Vélez. Las tribulaciones de un patriota desencantado. Las Memorias histórico-políticas de Joaquín Posada Gutiérrez. *Revista Historia y Sociedad*, Bogotá, n. 12, p. 191-216, nov. 2006.

SOUZA, Marina Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.